

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS  
BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**DIOGO CONCEIÇÃO DA SILVA**

**O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA EM BERNHARD HÄRING**

**GOIÂNIA  
2020**

DIOGO CONCEIÇÃO DA SILVA

**O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA EM BERNHARD HÄRING**

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de monografia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG).

Orientador: Prof. Me. Pe. Heverton Rodrigues de Oliveira, C.Ss.R.

GOIÂNIA

2020

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

DIOGO CONCEIÇÃO DA SILVA

O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA EM BERNHARD HÄRING

Trabalho de Conclusão para obtenção de título de bacharel do Curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), apresentado em 08 de Dezembro de 2020 e aprovado com nota nove.

### **BANCA EXAMINADORA**

1. Prof. Me. Pe. Heverton Rodrigues de Oliveira (Presidente / IFITEG)
2. Prof. Me. Ir. Marcos Vinícius Ramos de Carvalho (Membro / IFITEG)
3. Prof. Me. Pe. Silvio Zurawski (Membro / IFITEG)

Dedico este trabalho aos que sonham com  
uma Igreja sempre aberta aos impulsos do  
Evangelho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ser sempre a motivação do meu viver.

À minha família, aos meus professores, aos meus confrades e a todos aqueles que sempre me apoiaram no caminho da busca pelo conhecimento.

“Eu pretendia esclarecer que a obra consiste em duas partes: a que está aqui e tudo aquilo que eu não escrevi. E a parte importante é precisamente a segunda”.

(Ludwig Wittgenstein)

## RESUMO

DA SILVA, Diogo Conceição. O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA EM BERNHARD HÄRING. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Teologia) - Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), Goiânia-GO, 2020.

Este trabalho visa apresentar uma possível leitura para o conceito de consciência em Bernhard Häring. O qual deve ser compreendido a partir do contexto em que a reflexão teológica no século XX se encontrava, principalmente pelo acontecimento do Concílio Vaticano II. Com essa contextualização, essa monografia demonstrará o desenvolvimento do conceito de consciência na história da teologia, com bases na leitura de Häring. Nossa abordagem, sobre a consciência, evidenciará que a consciência do cristão está intimamente ligada à sua experiência do Cristo.

**Palavras-chave:** consciência; Häring; experiência do Cristo.

## RÉSUMÉS

DA SILVA, Diogo Conceição. LE CONCEPT DE CONSCIENCE EN BERNHARD HÄRING. Achèvement des travaux de cours. (Baccalauréat en théologie) - Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), Goiânia-GO, 2020.

Cet œuvre vise à présenter une lecture possible du concept de conscience chez Bernhard Häring. Ce qui doit être compris à partir du contexte dans lequel s'est trouvée la réflexion théologique au XX siècle, principalement en raison de l'événement du Concile Vatican II. Dans ce contexte, cette monographie démontrera le développement du concept de conscience dans l'histoire de la théologie à partir de la lecture de Häring. Cette approche de la conscience démontrera que la conscience du chrétien est étroitement liée à son expérience du Christ.

**Mots-clés:** conscience; Häring; expérience du Christ.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. O CONTEXTO DA OBRA DE HÄRING .....</b>	<b>11</b>
1.2 O PENSAMENTO DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN.....	11
1.2 O PENSAMENTO DE HENRI DE LUBAC .....	12
1.3 O PENSAMENTO DE YVES CONGAR.....	13
1.4 O PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER .....	15
<b>2. O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA NA HISTÓRIA DA TEOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
2.1 A CONSCIÊNCIA APRESENTADA NAS SAGRADAS ESCRITURAS: ANTIGO TESTAMENTO.....	17
2.1.2 A Consciência no Novo Testamento .....	18
2.2 A CONSCIÊNCIA NA TEOLOGIA MORAL PÓS-TRIDENTINA .....	18
2.3 A MORAL DE SANTO AFONSO.....	20
2.4 A COMPREENSÃO DE CONSCIÊNCIA NO CONCÍLIO VATICANO II .....	21
2.4.1 A Consciência como Reflexo da Dinamicidade Criadora.....	22
<b>3. A CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM BERNHARD HÄRING .....</b>	<b>23</b>
3.1 A CONSCIÊNCIA DO CRISTÃO.....	24
3.2 A CONSCIÊNCIA QUE GERA LIBERDADE NA IGREJA.....	25
3.3 A CONSCIÊNCIA DO CRISTÃO E SUA RECIPROCIDADE.....	27
3.3.1 O Discernimento da Consciência como Virtude.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

Um estudo teológico acerca da consciência sempre terá de perpassar pelo pensamento de Bernhard Häring, esse importante teólogo do século XX, nascido em 1912 em Böttingen na Alemanha, que tanto contribuiu e ainda continua a contribuir para a compreensão da moral cristã. Um fato importante de sua vida foi sua participação como soldado na II Guerra Mundial, outro de maior relevância foi sua opção em ser padre da Congregação do Santíssimo Redentor, o que acarretou na exímia dedicação aos estudos de moral, continuando o legado do fundador de sua congregação.

Durante minha trajetória como cristão e pesquisador, sempre direcionei uma especial atenção para a reflexão acerca da consciência. Facilmente as pessoas tendem a nomear a consciência como sendo a mente da pessoa humana, o que acredito ser um equívoco entre termos. Esse trabalho não se dedicará a fazer uma distinção entre ambos os conceitos, mas será exposto o modo como penso ser a melhor compreensão acerca do que vem a ser a consciência do cristão, conforme formulou Bernard Häring.

Esse trabalho pretende demonstrar o contexto em que surge a pesquisa de Häring, enfatizando pensadores franceses, que juntamente com Häring deram um novo vigor a teologia pós-tridentina, que chega a nós hoje como o pensamento oficial da Igreja nas publicações do Concílio Vaticano II. Mesmo sofrendo perseguições dentro da Igreja, as obras que esses homens compuseram tornaram-se o ressoar teológico de todo um século. Textos esses que são a base para a reflexão teológica moral na Igreja até os dias atuais.

No primeiro capítulo será apresentado de forma sucinta a teologia de Teilhard de Chardin (1881-1955), Henri De Lubac (1896-1991) e Yves Congar (1904-1995). Esses teólogos franceses delinearão uma primavera teológica na Igreja francesa, que logo se estendeu a Igreja no mundo todo, pois trataram questões acerca da compreensão do homem como um fenômeno, que é por natureza e transcendência social e solidário e que não se vê sozinho no mundo, mas é “povo de Deus” que possui a meta clara em seu peregrinar: o próprio Deus. Nessa mesma perspectiva também será apresentado o personalismo de Emmanuel Mounier, uma corrente filosófica que

muito se aproxima dessa compreensão do homem com o todo, sem a desvalorização da sua intimidade frente ao comum.

Acredita-se que essa contextualização faz-se necessária para demonstrar que o pensamento de Häring não fora algo isolado, pois estava em consonância com grandes autores da Teologia Moral e da Filosofia de seu tempo. Para realizar esse feito, não se utilizará propriamente da obra dos referidos teólogos, apenas dos comentários de Rosino Gibellini, um importante teólogo italiano da contemporaneidade.

No segundo capítulo serão expostos aspectos teológicos sobre a consciência ao longo da história da teologia. Na tentativa de realizar uma linha histórica acerca da compreensão da consciência na Teologia, tomar-se-á a mesma divisão que Häring utiliza em sua obra *A Lei de Cristo* para apresentar o referido tema. Com isso, partiremos da fonte por excelência da revelação divina, as Sagradas Escrituras, fazendo-se uma leitura de como a consciência aparece tanto na concepção veterotestamentária quanto no Novo Testamento. Depois será abordado a consciência conforme a compreensão pós-tridentina, a época dos manuais que regiam os conhecimentos sobre a moral cristã. Será exposto ainda a riqueza da contribuição de Santo Afonso, homem que estava a frente de seu tempo na compreensão teológica. Encerrando o capítulo com a forma que o Concílio Vaticano II compreende e norteia a consciência cristã no hoje.

No último capítulo desse trabalho, expor-se-á o pensamento de Bernard Häring, sua forma de compreender e esquematizar a vida da pessoa humana por meio de uma consciência propriamente cristã, baseada na liberdade que o próprio Jesus anunciou e a vivenciou.

Espero que esse trabalho demonstre a riqueza do pensamento de Häring às pessoas interessadas pelo estudo da moral teológica, por meio de uma singela leitura de um conceito tão abrangente como a consciência.

## 1. O CONTEXTO DA OBRA DE HÄRING

O ato de se debruçar sobre um tema tão peculiar trabalhado por Bernhard Häring, não poderia deixar de recorrer ao contexto em que seu pensamento foi elaborado para uma explanação satisfatória. A construção da consciência é um dado que se faz levar ao descobrimento e reconhecimento de algo ou dela mesma, logo, tratar-se-á nesse capítulo da relevância da consciência na Teologia e na Filosofia do século XX, particularmente no ambiente francês ao qual o pensamento de Häring mostra-se tão próximo.

Um marco que merece ser ressaltado, na linha do desenvolvimento da Teologia, está antes do anúncio do Concílio Vaticano II, ainda no pontificado de Pio XII, que é a publicação da Encíclica *Humani Generis* (1950), uma contraposição ao anseio da reflexão teológica, impulsionado pela modernidade e veemente condenado pela Igreja:

Se nossos filósofos e teólogos somente procurassem tirar esse fruto daquelas doutrinas, estudando-as com cautela, não teria motivo para intervir o magistério da Igreja. Embora saibamos que os doutores católicos em geral evitam contaminar-se com tais erros, consta-nos, entretanto, que não faltam hoje os que, como nos tempos apostólicos, amando a novidade mais do que o devido e também temendo que os tenham por ignorantes dos progressos da ciência, intentam subtrair-se à direção do sagrado Magistério e, por esse motivo, acham-se no perigo de apartar-se insensivelmente da verdade revelada e fazer cair a outros consigo no erro (HUMANI GENERIS, 10).

Esse pensamento demonstra claramente o receio que a Igreja possuía em relação as inovações da reflexão teológica. Porém, aquilo que foi condenado, logo tornou-se parte constituinte na elaboração dos documentos do Concílio Vaticano II. Muitos foram os filósofos-teólogos que contribuíram para o avanço da teologia no século XX, porém nesse capítulo será apresentado uma breve exposição do pensamento dos franceses Teilhard de Chardin (1881-1955), Henri De Lubac (1896-1991) e Yves Congar (1904-1995), como também a corrente personalista de Emmanuel Mounier (1905-1950).

### 1.2 O PENSAMENTO DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

O jesuíta Pierre Teilhard de Chardin, foi um professor acadêmico notório que recebeu um afastamento das salas de aula devido as suas produções sobre o pecado

original, pois buscava uma conciliação entre os dados dogmáticos-teológicos e a visão moderna evolucionista. Teilhard de Chardin foi um dos pensadores que motivaram a composição da Encíclica *Humani Generis*, a qual reprimiu os pensadores católicos por suas produções em desencontro com o Magistério.

Teilhard inovou ao definir o homem como um fenômeno, demonstrando que o ser humano é um universo em evolução. Para ele os cristãos não podem agir como pessoas instaladas confortavelmente em sua fé, enganando-se a si mesmas. Para o autor, nem todos os contemporâneos são modernos, pois moderno é aquele que compreende o cosmo como cosmogênese, o que acarreta no problema do “moderno” para os cristãos: poderá ainda o Cristo do Evangelho, amado e difundido em um contexto tão particular, ser capaz de estender-se ao universo tão ampliado da atualidade? Não estaria o mundo mais vasto, mais esplendoroso que o próprio Deus? O cristianismo/catolicismo não estaria a beira de uma implosão?

Teilhard quer com esses questionamentos dar passos para a associação do Deus cristão com o universo do hoje. Ele quer levar as pessoas a compreender que Deus está ao redor de nós, que sua presença penetra o universo como um raio penetra um cristal, pois Deus está a nossa espera em toda a parte, pois sendo o centro que torna sólido o mundo, Deus imediatamente também ocupa toda a esfera do globo. O pensamento de Chardin impulsiona a compreender o ambiente divino como o universo movido e com-penetrado por Deus na totalidade da evolução.

No pensamento de Teilhard, a teologia e a ciência se encontram em uma densa convergência entre o Reino de Deus e o esforço humano, entre adoração e pesquisa. Para ele o cristão fiel à terra está à procura do Cristo universal, o Cristo Alpha e Ômega, visto tanto como princípio de consciência quanto ponto terminal de todas as coisas e “que a todas as coisas dará completude e recapitulação” (GIBELLINI, 1998, p. 180).

## 1.2 O PENSAMENTO DE HENRI DE LUBAC

O também jesuíta Henri de Lubac, foi um renomado professor de teologia fundamental e história das religiões em Lyon. A novidade do pensamento teológico trazido por ele e seus contemporâneos visava a superação de uma teologia arcaica, sustentada até então por pensamentos do período escolástico, que se recusavam voltar às fontes e em dialogar com o momento da contemporaneidade. Lubac foi talvez

o principal “bode expiatório” da encíclica *Humani Generis*, porém esse agravante foi recompensado, e após um longo período de silêncio e perseguição recebeu sua nomeação pelo então Papa João XXIII de consultor da comissão preparatória do Concílio Vaticano II, juntamente com Yves Congar.

Seu pensamento é marcado pelo destaque que dava a oposição entre o cristão visto como um profissional na técnica da salvação pessoal frente ao homem moderno, o qual vive no mundo e busca melhorá-lo. Motivado pela indagação “o que é o catolicismo?”, Lubac demonstra que a catolicidade está intrinsecamente ligada a socialidade e solidariedade, pois baseia-se na figuração da humanidade como criatura de Deus que é remida na pessoa de Jesus, uma vez que o pecado é a fragmentação e Jesus a redenção, a restauração do que se havia perdido. Conforme o autor, a Igreja é católica não em aspecto simplório de universalidade da extensão geográfica, mas sim uma universalidade que abrange todas as pessoas e a pessoa humana toda. Para isso servem-se os sacramentos como meios que reforçam a ligação entre a pessoa humana e a pessoa de Cristo, logo, reforçando também o aspecto social da comunidade. (GIBELLINI, p. 189, 1998)

Para Lubac outro sinal da socialidade do catolicismo é a esperança cristã, marcada pela ideia de uma salvação social vista em moldes de uma cidade celeste, demonstrando que a esperança pessoal de salvação se completa em uma esperança comum. Tal ideia é uma forte contraposição ao movimento jansenista, o qual argumentava uma salvação para uma pequena casta de eleitos. Dar esse destaque ao aspecto social do cristianismo não é subestimá-lo, mas sim enfatizar sua concretização no hoje como a revelação da fraternidade universal.

Conforme Henri de Lubac, essa atualização no sentido de catolicismo é uma motivação ao combate do individualismo que tanto penetrou nas compreensões teológicas e na Igreja. Para ele a catolicidade é uma harmonização de vozes que se completam e corrigem-se reciprocamente, é uma abertura ao mistério de Deus e do homem.

### 1.3 O PENSAMENTO DE YVES CONGAR

O dominicano Yves Congar foi um dos teólogos de maior relevância do século XX, suas contribuições ajudaram a Igreja a abrir-se ao ecumenismo, o que em primeiro

momento não foi aceito, mas logo ganhou espaço e notoriedade. O catolicismo francês, do século em questão, é sem dúvida um dos momentos mais belos da Igreja, um movimento saudável de reforma que interpelou o interior da Igreja e que fazia da igreja francesa uma Igreja modelo.

Congar foi o grande responsável pelo retorno da compreensão da Igreja como “povo de Deus”. Essa concepção recebeu a atenção do Papa Paulo VI, e trouxe amplas mudanças na dimensão da compreensão eclesiológica, afirmadas pelo Concílio Vaticano II na constituição dogmática *Lumen gentium*. Até então, a Igreja era compreendida, na visão pós-tridentina, como sociedade, em uma visão piramidal da ordem social.

Para Yves, compreender a Igreja como povo de Deus era perceber o dado histórico de continuidade da Igreja com o povo de Israel, que caminha para um fim que é o próprio Deus. Trazia ainda um valor antropológico de ser uma unidade feita de homens convertidos ao Evangelho. Na dimensão da historicidade, o autor apresenta que se a reforma não pode acontecer no nível da instituição oficial ela pode ser realizada na dinamicidade do povo de Deus. O grande diferencial desse termo é perceber o seu valor ecumênico e missionário, pois compreender a Igreja como povo de Deus permite-se dialogar com as outras Igrejas, em especial as da Reforma. (GIBELLINI, p. 208, 1998)

O autor também é consciente de que apenas a categoria de povo de Deus possui limites e deve ser completada com a de Corpo de Cristo, pois “sob a nova aliança, a das promessas realizadas pela encarnação do Filho e pelo dom do Espírito Santo, o povo de Deus recebe um estatuto que só pode ser expresso na categoria do corpo de Cristo” (GIBELLINI, p. 209, 1998). Para o francês, o povo deve ser um povo messiânico, um povo da unidade e da esperança chamados a dar testemunho no mundo, na temporalidade. Congar reconfigura com isso o conceito de leigo, não mais entendido como a parte desprovida da estrutura piramidal eclesiástica, agora os leigos são vistos como membros do povo de Deus, chamados por excelência à santificação secular da vida.

#### 1.4 O PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER

O personalismo de Mounier, tem seu ponto central na contínua e crescente descoberta do encontro com o outro, porque “quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar” (MOUNIER, 2004, p. 46). Essa tensão entre individualismo e personalismo é o reflexo de um conflito interior do ser humano, entre pessoa e indivíduo. Assim, o crescimento da pessoa se dá por meio de atos concretos de desprendimento e disponibilidade, exigindo o sacrificar do indivíduo presente em seu interior.

No pensamento de Mounier não há uma mistura da pessoa ao coletivo, mas ela permanece sendo singular na relação com as demais pessoas.

O dever da pessoa para com a comunidade não é menos claro: sacrificar sua individualidade – dom da própria vida – às promessas da comunidade, mas com duas condições: a pessoa deve sacrificar sua individualidade às promessas da comunidade, e não as sociedades de interesses materiais; só sacrificará legitimamente sua individualidade: Dissemos, jamais comunidade alguma pode exigir à Pessoa que se negue a si mesma. É uma contradição nos termos, pois não pode haver comunidade a não ser pelo pleno desabrochar de pessoas (MOIX, 1968, p. 154).

Por isso, Mounier é contra o desaparecimento da pessoa em nome de uma coletividade, pois, o que a pessoa deve sacrificar pela via do desprendimento é o exagero do amor próprio. Assim, surge uma questão: como se relacionar com o outro sem se misturar a ele? Na resposta a essa pergunta Mounier propõe um contraponto necessário: a vida íntima.

Nessa questão da vida íntima em Mounier, acredita-se, no presente trabalho, ser um ponto central da construção da reflexão de Häring sobre a consciência cristã, pois, conforme o pensamento de Mounier, cada pessoa tem o direito de ter intimidade, porque é nessa situação que cada pessoa gera um movimento de meditação capaz de chegar ao centro de cada ser humano, podendo mais tarde iluminar seus atos exteriores. Uma luta, uma conquista ativa, uma mediação que prepara para ação, tal é o sentido do recolhimento: não busca o silêncio pelo silêncio, nem a solidão pela solidão, mas o silêncio porque com ele se prepara a vida, e a solidão porque nela se encontra o homem (MOIX, 1968, p. 158).



## 2. O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA NA HISTÓRIA DA TEOLOGIA

A reflexão moral-teológica muito se detém sobre esse relevante dado da vida humana que é a consciência, o qual pode ser considerado como lugar onde ocorre a mais íntima autenticidade do ser da pessoa humana. A vida na totalidade de suas dimensões acontece no refletir que a consciência produz e permite ser expressado. O ser humano aparece numa atitude que se faz naturalmente, porém, controlada por si mesmo, por um delimitar que parece não existir. É nessa atitude que a consciência elabora e apresenta a maior dignidade do homem (VIDAL, 1978, p. 265).

Porém, pode-se dizer que houve momentos em que a consciência recebeu diferentes compreensões, sendo o primeiro destacado nesse trabalho a patrística, a qual norteou as demais compreensões teológicas sobre esse conceito, pois na

Época patrística: olha-se a consciência antes de tudo em sua dimensão religiosa (com referência a Deus). Ressalta-se a dimensão testemunhal da consciência, que aparece como testemunha e juiz (VIDAL, 1978, p. 271).

Na patrística, o foco conservava-se na realidade divina, Deus estava presente em todas as dimensões da vida humana, pois tudo acontecia conforme o querer de Deus. A consciência era o juiz de todos os atos, o que levava ao remorso quando não se vivia conforme a vontade de Deus, situação essa que motivava um grande anseio pela consciência pura. Assim, solidifica-se o legado de compreender a consciência humana relacionando-a diretamente a Deus, o que se mantém até hoje na reflexão teológica.

O pensamento teológico acerca da consciência teve ainda variadas interpretações e se modificou muito ao longo da história. Conforme Häring, será apresentado nesse capítulo uma leitura de como a consciência é abrangida nas Sagradas Escrituras, na moral pós-tridentina (1545-1965), na moral de Santo Afonso (1696-1787) e no Concílio Vaticano II (1962-1965).

## 2.1 A CONSCIÊNCIA APRESENTADA NAS SAGRADAS ESCRITURAS: ANTIGO TESTAMENTO

Ao tratar o tema da consciência na Bíblia, necessita-se a observação do surgimento explícito do termo. No antigo testamento, encontra-se apenas três menções do termo grego “*syneidesis*”<sup>1</sup> a qual destaca-se a do livro da Sabedoria em 17, 11 que relata: “Com efeito, a maldade é singularmente covarde e condena-se por seu próprio testemunho; pressionada pela consciência, imagina sempre o pior”. No livro da Sabedoria, a consciência parece possuir um aspecto ruim, o que poderia ser nomeado de uma má consciência, pois esta reflete continuamente o pior como fim.

Há muitas ocorrências na Sagrada Escritura que levam a uma aproximação do termo consciência em relação ao que é colocado como exortação do coração. Assim, entra a questão do remorso ligado ao pecado que mancha a alma. Pode-se mencionar o remorso em que Caim se encontrou após ter cometido o assassinato de seu irmão. “Então Caim disse a lahweh: Minha culpa é muito pesada para suportá-la” (Gn 4, 13). O remorso perfura a vivência de Caim, fazendo-o alegar que não conseguirá aguentar o peso do ato cometido. Nota-se então que o coração do homem, no caso o de Caim, reprova suas atitudes, criando-lhe um profundo sentimento de culpa.<sup>2</sup>

No mesmo episódio apresentado, pode-se perceber que a motivação da culpa que consumiu Caim não veio pura e simplesmente do seu coração, esse fato ocorre após um duro diálogo com Deus, o qual lhe faz enxergar suas atitudes, impondo-lhe a dura pena de ser maldito e expulso do solo que recebera o sangue de seu irmão. Com isso, compreende-se que a Bíblia apresenta a consciência no Antigo Testamento como a dor da solidão de Deus, do não cumprir seus mandamentos e ser penalizados com sua ausência. Caim realiza o que seria um autoexame de consciência motivado pelo olhar de Deus, reconhecendo-se incapaz de viver sob todas as promessas de penúria que Deus lhe realizou. (cf. Gn 4, 9-16)

---

<sup>1</sup> *Syneidesis*: termo grego para consciência. As outras citações desse termo no Antigo Testamento, são: Eclo 10,20; 42,18. FONTE ARIAL

### 2.1.2 A consciência no Novo Testamento

No Novo Testamento a consciência aparece em vários momentos, principalmente nos escritos paulinos. O modo de compreender a consciência na literatura neotestamentária norteia-se pela oportunidade de todos, judeus e pagãos, serem chamados a viver a realidade do apelo de Deus, do dizer não ao pecado. O próprio apóstolo Paulo em sua Carta aos Romanos elucida sobre a consciência: *“Digo a verdade em Cristo, não minto, e disto me dá testemunho a minha consciência no Espírito Santo”* (cf. Rom 9,1).

Assim, fica evidente que, para os cristãos, o agir conforme a sua fé corresponde ao agir segundo a sua consciência, pois *“a fé aclara a consciência moral e a boa consciência protege a fé”* (HÄRING, 1960, p.201). O apóstolo ainda será mais preciso ao dizer sobre o modo de se proceder *“conservando o mistério da fé com consciência limpa”* (1Tm 3,9). Com isso, conserva-se a ideia de que a consciência é compreendida na perspectiva religiosa, pois parte de Deus e é sujeita a experimentar o juízo divino.

O agir segundo a consciência, para no Novo Testamento, deve-se antes de tudo estar atento à relevância do outro nessa construção de juízos. Não se pode agir conforme a autoconsciência, desconsiderando a pessoa do próximo que venha fazer alguma repreensão, pois o próprio apóstolo Paulo insiste dizendo que se deve ter “[...] atenção a quem vos chamou a atenção e por respeito a consciência. Digo: a consciência dele, não a vossa” (cf. I Cor 10, 28s). Isso demonstra o comprometimento que o cristão precisa ter em relação a vida do outro, logo, torna-se dever a salvação do próximo.

## 2.2 A CONSCIÊNCIA NA TEOLOGIA MORAL PÓS-TRIDENTINA

Adentrando a história da moral cristã, depara-se com um período muito importante em sua elaboração e vivência: a época pós-tridentina. Período no qual se compreendeu a consciência moral a partir de duas perspectivas: o intelectualismo tomista e a preocupação casuísta. Tempo esse em que a Igreja se centrou na formação de confessores, pois a consciência moral estava relacionada diretamente ao cumprimento dos manuais e ao sacramento da penitência.

A moral contida nesses manuais fundamentava-se na relação dos atos humanos que infligiam a lei divina, logo, o ato do pecado que se remetia a consciência, conforme elucida Maset:

A moral dos manuais baseava-se em quatro fundamentos: o ato humano, a lei, a consciência e o pecado. Este edifício era sustentado pelas colunas: os mandamentos da lei de Deus e da Igreja, que estabelecem as obrigações e representam o domínio da moralidade. O telhado do edifício figurado seria composto de justiça, que é a virtude da lei, que coroa o edifício e mantém a força da obrigação<sup>3</sup> (MASET, 1997, p. 26).

Com isso, se vê a insistência em colocar o pecado como propulsor da consciência, pois se o ato humano é o primeiro fundamento dos manuais e o último fundamento é o pecado, percebe-se a impossibilidade que as atitudes humanas possuíam em não acarretarem suas ações em pecado. Tornando a lei e a consciência respectivamente apenas estâncias de infração e punição. O que leva a entender que a abordagem dos moralistas na produção de seus manuais não está apenas ligada ao Sacramento da Penitência, mas sobretudo em colocar as pessoas à luz da consciência na prática da lei, com enfoques mais negativos que positivos.

A referida forma casuística de compreender dos moralistas está ligada aos casos de consciência individual, que tornar-se-á a centralidade da moral frente a lei, um embate onde está em jogo a liberdade humana. A moral que surge desse conflito, é um emaranhado de normas, focado no que se pode ou não ser feito. A consciência aqui se faz juiz, ficando entre a lei e a liberdade. Nessa dimensão estão as diferenças da interpretação e da base da moral das várias escolas que surgiram nesse período. Diferenças essas que vão de um rigor incondicional a um laxismo total. Porém há moralistas que se fizeram a frente de seu tempo, oferecendo à moral cristã uma contribuição inestimável, como Santo Afonso Maria de Ligório.

---

<sup>3</sup> *La moral de los manuales reposaba sobre cuatro cimientos: el acto humano libre, la ley, la conciencia y el pecado. Este edificio era sostenido, a modo de columnas, por los mandamientos de la ley de Dios y de la Iglesia, que exponen las obligaciones y que constituyen el dominio de la moral. El tejado de este edificio figurado estaría constituido por la justicia, que es la virtud de la ley, que corona el edificio y lo mantiene con la fuerza de la obligación.*

### 2.3 A MORAL DE SANTO AFONSO

A moral alfonsiana é permeada por uma característica própria de seu autor, há uma sensibilidade que considera a pessoa humana na sua condição de liberdade. Mesmo sendo um adepto da moral de manuais, o seu cuidado está na formação de confessores, pois

Sua preocupação é de elaborar uma teologia moral que respeite ao mesmo tempo as autênticas exigências do Evangelho e os direitos da pessoa humana, sem esquecer as novas condições de vida num mundo em mudança, com a Modernidade (ARAÚJO, 2007, p. 111).

Nessa realidade trazida por Afonso consiste seu diferencial, ele preocupa-se em conciliar a verdade expressa no Evangelho com o humano, sem que esse último seja apenas um acolhedor passivo de uma verdade absoluta. Agora a pessoa humana deve buscar ter suas atitudes pautadas por uma lei particular, definida ou pela razão ou pela Revelação. Santo Afonso tem a prudência de examinar os textos de seus predecessores e a luz de sua vivência missionária, transmite as exigências do Evangelho e da liberdade humana sem o rigor totalitarista da época (ARAÚJO, 2007, p. 111).

Conforme Bento XVI elucidada, Santo Afonso conseguiu levar ao povo de seu tempo uma face de Deus desconhecida até então, a saber:

Na sua época, era difundida uma interpretação muito rigorosa da vida moral também por motivo da mentalidade jansenista que, ao invés de aumentar a confiança e a esperança na misericórdia de Deus, fomentava o medo e apresentava um rosto de Deus triste e severo, bem distante daquele que nos foi revelado por Jesus. Santo Afonso, sobretudo na sua obra principal intitulada Teologia Moral, propõe uma síntese equilibrada e convincente entre as exigências da lei de Deus, gravada em nossos corações, revelada plenamente por Cristo e interpretada autorizadamente pela Igreja, e os dinamismos da consciência e da liberdade do homem, que exatamente na adesão à verdade e ao bem permitem o amadurecimento e a realização da pessoa (BENTO XVI, 2011).

Com isso, percebe-se que a moral alfonsiana surge em meio a um contexto permeado pelo jansenismo, uma moral rigorista apegada a normas, a qual está totalmente distante daquilo que Afonso tenta empregar. Por esse embate e por conciliar a moral com a liberdade humana, a notoriedade de Afonso o fez ser

aclamado, em 1950, por Pio XII como patrono dos confessores e daqueles que se dedicam à teologia moral.

## 2.4 A COMPREENSÃO DE CONSCIÊNCIA NO CONCÍLIO VATICANO II

Um marco na história da fé cristã de grande importância, foi com toda certeza o Concílio Vaticano II (1962-1965), dele decorreram valiosos documentos que norteiam a Igreja até os dias atuais. Desse concílio procedem as grandes mudanças, tanto do nível pastoral quanto do reflexivo, ou seja, do agir e pensar a Igreja. Todo esse movimento também acarretará em uma nova forma de compreender a consciência.

O concílio abrange o termo consciência como sendo algo da intimidade humana, a qual é uma lei não dada por si mesmo, mas a ela se deve obedecer. Sendo uma espécie de guia que julga as atitudes a serem tomadas, ora permitindo ora levando-o a não praticar tal atitude. A consciência é então intitulada pela Constituição *Gaudium et Spes* como a voz de Deus gravada no coração humano, um sacrário secreto ao qual apenas Deus e a pessoa humana em questão possuem acesso (GS, n.16).<sup>4</sup>

O concílio ainda faz uma alusão aos benefícios que a consciência produz no homem, por meio da sua interação com o meio em que vive, destacando o ir até o outro, a saber:

Pela fidelidade a consciência, os cristãos se unem aos outros homens na busca da verdade e na solução justa de inúmeros problemas morais que se apresentam, tanto na vida individual quanto social. Quanto mais prevalecer a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos se afastam de um arbítrio cego e se esforçam por se conformar às normas objetivas da moralidade (GS, n. 16).

Com isso percebe-se a corresponsabilidade que a consciência do indivíduo implica na relação com o outro, pois quanto mais a busca da verdade for algo assimilado da convicção do ser humano, mais será a união entre os cristãos. Quando de fato isso acontece, há uma certa indefectibilidade na consciência, pois ela leva a

---

<sup>4</sup> CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *GAUDIUM ET SPES*. In: CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968. Deste ponto em diante citada de forma abreviada: GS.

vontade a conformar-se com o intelecto, é o julgamento que a pessoa faz sobre si mesma, sobre seu peregrinar, levando-a a uma realidade cada vez mais plena.

#### 2.4.1 A consciência como reflexo da dinamicidade criadora

A dinamicidade da consciência supera-se a si mesma, o aspecto de sua criatividade é algo surpreendente, pois leva a pessoa a superar o estado em que se encontra, para um estado mais elevado. Vários teólogos que refletem sobre a qualidade criativa da consciência, se baseiam principalmente sobre o pensamento de São Tomás de Aquino, o qual nos diz que:

Para o intelecto humano, que está unido a um corpo, o objeto próprio é a quiddidade ou natureza que existe em uma matéria corporal. E é pelas naturezas das coisas visíveis que se eleva a um certo conhecimento das realidades invisíveis (AQUINO, 2005, p. 517).

Com isso, compreende-se que as realidades divinas são conhecidas a partir do contato com as coisas sensíveis, logo, há um conhecimento intuitivo do bem, o qual é possibilitado e expressado de forma concreta na criação por sua relação de imagem e semelhança com o criador. Fruto esse do Espírito divino que dá ao ser humano a possibilidade de coexistir de maneira singela na criação.

O homem é chamado a essa totalidade e criatividade, isso está impregnado na sua consciência, ele é possuidor de uma ânsia de integração de todas as suas dimensões, o que o faz ir até o outro e a Deus. Outro dado que tal reflexão leva é em relação a paz, só se alcança a paz da consciência aquele que concilia essa motivação criativa da razão com a verdade.

A vontade deve se unir com todas as faculdades do ser, buscando uma harmonização total do interior, o que irá acarretar na harmonização, aceitação e compreensão do outro. Esse é o momento que a pessoa passa a conhecer a si mesma de forma profunda, quando ela se inter-relaciona consigo mesma e quando é recebida de forma harmoniosa pelos que a rodeiam, levando a possibilidade da exploração das profundezas no conhecimento da consciência (HÄRING, 1979, p. 221).

### 3. A CONSCIÊNCIA CRISTÃ EM BERNHARD HÄRING

O refletir sobre a consciência desencadeia-se em uma vasta construção de significados e explicações, porém é de comum acordo para vários especialistas, de diferentes áreas do conhecimento, que a consciência não é meramente uma faculdade da pessoa humana. Também não é algo de domínio da vontade e tampouco do intelecto, mas é uma força que atua em ambos, pois essas duas dimensões: vontade e intelecto, são as mais profundas da existência.

Poder-se considerar a consciência como sendo a parte mais sensível do ser, capaz de ameaçar toda a sua totalidade e integridade, pois a dinamicidade da consciência é

A reação de nossa personalidade total em face de seu funcionamento adequado ou de seu mau funcionamento; não do funcionamento desta ou daquela capacidade, mas das capacidades que constituem nossa existência humana e individual (HÄRING, 1979, p. 218).

Com isso, vê-se a complexidade que a consciência possui na constituição do indivíduo, pois infere tanto em suas dimensões biológica, psicológica e espiritual. Compreender a consciência como um julgamento, uma faculdade de julgar, depende das situações, porém o que torna a consciência algo com toda essa relevância e complexidade é o seu anseio pela totalidade.

A teologia compreende o homem criado para a totalidade do seu ser, logo, pode-se auto decifrar e experimentar a dinamicidade do bem, do próprio Deus. Nesse capítulo será exposto como Bernhard Häring compreende a consciência cristã, como ela consegue levar o indivíduo a esse auto conhecer-se e ao conhecimento do que o cerca, pois, conforme o Häring, se todas as faculdades do homem estiverem em perfeito estado, chegar-se-á em uma perfeita harmonia nas profundezas do ser, logo, a consciência será o lugar propício, ao qual acredita-se ser o espaço do encontro com o Espírito criador, levando a pessoa humana para uma realidade cada vez mais plena, que é o motivacional de todo o presente trabalho (HÄRING, 1979, p. 219).



### 3.1 A CONSCIÊNCIA DO CRISTÃO

O ser do cristão está intimamente ligado a realidade da Encarnação divina, pois Deus se revela plenamente na figura do Verbo Encarnado, o qual desapegou-se de sua condição para se fazer um com os irmãos. A ousadia do auto intitular-se cristão, deveria ser uma atitude de radicalização de todas as dimensões do ser da pessoa humana a espelho do Verbo de Deus, o que levaria a um voltar-se para o outro, para os problemas da humanidade, com gestos de solidariedade.

Ter ciência do Cristo e querer depositar a vida nele, não torna os cristãos melhores do que aqueles que se denominam de outras religiões, isso não é uma exclusividade que implica em superioridade. Pelo contrário, impulsiona a todos aqueles que dizem professar a fé cristã a saírem de si mesmos e irem ao encontro do outro, não como senhores da fé verdadeira, mas como servos do mestre e dos seus. Tal proeza conseguida apenas após a vivência do particular para depois partir para a realidade do sair de si mesmo (ecumenismo).

O compreender a consciência para o cristão está relacionado intimamente com o seu encontro e por sua vivência do Cristo, aqui relacionam-se as vontades e até mesmo as alegrias que o ser humano possui ao longo de seu identificar-se com o Cristo. Conforme Häring, até mesmo a palavra conhecer implica no homem um dom de Deus, sendo:

Importante compreender o que a palavra “conhecer” significa. É um dom do Espírito Santo que penetra nas profundezas mais íntimas de nossa alma. O conhecimento salvífico de Cristo supõe a confirmação de nossa opção fundamental que nos dá totalidade de consciência e conhecimento por co-naturalidade (HÄRING, 1979, p. 232).

Com isso, percebe-se que conhecer o Cristo é uma atitude possível mediante a ação do próprio Espírito de Deus, o qual é capaz de infiltrar-se nas entranhas da complexidade humana. Outro dado relevante é que esse conhecer a Cristo implica diretamente na participação ativa do ser humano na obra da redenção, por necessidades de concretização da sua própria natureza. Assim, a consciência cristã é marcada pela liberdade e fidelidade às obras do Cristo, sendo com Ele realizadores da obra da salvação da humanidade.

Essa fundamentação da consciência do cristão nasce da fé, a qual não pode ser compreendida como lugar de devaneios que se distanciam da moralidade, pois o

próprio apóstolo Paulo irá dizer que “Então eliminamos a Lei através da fé? De modo algum! Pelo contrário, a consolidamos” (Rm 3,31). Como o próprio Häring apresenta, pode-se ter a ousadia de substituir a palavra “lei” por “consciência”, sem agredir o significado, pois o cristão não possui o seu interior dividido, entre a realidade natural e sobrenatural, o julgamento de consciência da pessoa se constitui e se determina mediante a grandeza da sua fé (HÄRING, 1979, p. 232).

Para as Cartas Paulinas a consciência é uma realidade que deve portar e ser confirmada pela clareza que a luz da fé proporciona, pois em suas cartas pastorais, tanto fé quanto consciência possuem o mesmo sentido. Os textos paulinos elucidam que “a finalidade desta admoestação é a caridade que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia” (1Tm 1,5), para ele o dado da fé e o de uma boa consciência são inseparáveis. Ainda podemos ver que até mesmo aquelas pessoas chamadas a serem líderes cristãos, seja em qualquer nível de organização, possuem o dever de agirem e conservarem “o mistério da fé com uma consciência limpa” (1Tm 3,9).

Devem-se todos os cristãos almejamem uma consciência madura, a qual não compreende o dado da fé, como um emaranhado de formulações subjetivas ao ser em vista de uma disciplina religiosa. O cristão só conseguirá alcançar, no nível de suas faculdades morais, uma magnitude plena da consciência e firmeza em sua radicalidade, se basear suas atitudes em uma profunda fé. É um relacionar-se com Cristo de forma íntima, profunda, tentando penetrar o próprio ser de Cristo, realizando seus ensinamentos e o que Ele mesmo espera da pessoa humana. Com essa perspectiva que Häring apresenta, define, a fé como “conhecimento-de-Cristo que abrange tudo” (HÄRING, 1979, p. 233).

### 3.2 A CONSCIÊNCIA QUE GERA LIBERDADE NA IGREJA

Abordar a consciência em Häring não se pode isentar de um tema tão peculiar do autor que é a questão da liberdade. Liberdade essa que deve ser sustentada primeiramente pela Igreja, a qual deve levar a pessoa a uma consciência de si mesma, pois o próprio Cristo encarnou-se no mundo para trazer a liberdade para as pessoas. É o próprio Jesus que diz que não quer escravos servindo-o, mas quer amigos, a

saber: “Não mais vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que o seu amo faz; mas eu vos chamo de amigos, porque tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer” (Jo 15,15).

A própria escolha de ser membro da fé cristã católica só é algo verdadeiro e possível quando a consciência da pessoa é respeitada, acarretando na insistência que a Igreja deve ter frente ao que ela é chamada a ser: sacramento de liberdade e libertação. A Igreja é a servidora por primeiro do povo, pois a liberdade não só faz ela mesma melhor, como também gera uma recíproca obediência entre os cristãos, nascida na liberdade.

A declaração do Concílio Vaticano II *Dignitatis Humanae*<sup>5</sup> sobre a liberdade religiosa afirma que

O direito do homem à liberdade religiosa encontra seu fundamento na dignidade da pessoa, cujas exigências se fizeram mais plenamente conhecidas à razão humana pela experiência dos séculos. Mais ainda: esta doutrina tem raízes na revelação divina, motivo por que há de ser tanto mais santamente observada pelos cristãos (DH, n. 9).

Com isso vê-se a insistência do próprio Concílio Vaticano II em reconhecer o direito de liberdade consciente que toda pessoa possui, pois só assim se poderá testemunhar realmente a causa de Cristo. Fato esse que se equivocado pode gerar um mal temeroso, o não consentir liberdade à consciência das pessoas na busca da verdade. O que ainda pode ser agravado, caso seja suprimida a consciência do indivíduo em busca de uma religião verdadeira, gerando o próprio desaparecimento da verdade e do amor.

Querendo ser fiel ao Evangelho, a Igreja deve apresentar sua mensagem com o contexto de uma religião de liberdade, promovendo a “religiosidade da liberdade em favor da salvação da humanidade” (HÄRING, p.261, 1979). Querer sustentar-se em uma verdade abstrata, não mais ajudará a Igreja, pois urge a necessidade de que todas as suas estruturas se tornem sacramento da salvação e da verdade gerando um significativo aumento da busca pela verdade, a qual foi anunciada e vivenciada por Jesus Cristo e que pode chegar a todas as nações por meio dos seus discípulos.

---

<sup>5</sup> Declaração *Dignitatis Humanae*. In: CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968. Deste ponto em diante referenciada com a sigla DH.

O anúncio da boa nova de Jesus deveria levar as pessoas a uma consciência plenamente livre, tendo todas a clareza de que são chamadas na liberdade à uma vivência da liberdade verdadeira. A moral da Igreja deveria por primeiro seguir esse aspecto, sendo profeta e incitando nas pessoas o compromisso com a vida solidificada na verdade plena, por meio de uma conscientização baseada na liberdade. A liberdade, exposta acima na declaração sobre a liberdade religiosa do Concílio Vaticano II, demonstra que não se é uma opção por um individualismo, é um compromisso comum, uma aliança responsável com o próximo e consigo mesmo, uma liberdade que implica em responsabilidade.

### 3.3 A CONSCIÊNCIA DO CRISTÃO E SUA RECIPROCIDADE

A própria terminologia da palavra consciência leva a uma especial característica, os radicais latinos *con* e *scientia* que significam “conhecer juntos” indicam a reciprocidade como faculdade inata do próprio existir da consciência. A isso refere-se a ideia de que uma consciência sadia seja passível de ocorrer, caso o ambiente em que ela se desenvolve lhe propicie isso, ou seja, as pessoas influenciam-se diretamente na construção da consciência de cada indivíduo.

Esse relacionar-se com o outro é o que de fato leva a uma formação sadia da pessoa, pois só se alcança o conhecimento do seu próprio eu pelas vias da relação entre o tu e o eu, a qual produzirá à experiência salutar do nós. Como o próprio Häring afirma que é “uma experiência de amor e respeito autênticos o fato de o outro ser aceito em sua identidade e em sua unicidade”. (HÄRING, 1979, p. 249)

É através dessa reciprocidade, dessa cumplicidade, de consciências que surge um auto-respeito, o qual possibilita o respeito e a liberdade referentes a consciência do outro. Não se pode pensar nessa interação sem o permitir que o outro seja aquilo que de fato ele é, pode-se ainda dizer que a pior circunstância da consciência é a de compreender que a pessoa é incapaz de amar, pois o amor é esse movimento de ir ao outro, pelas vias do respeito e da liberdade mutua. (HÄRING, 1979, p. 250)

### 3.3.1 O DISCERNIMENTO DA CONSCIÊNCIA COMO VIRTUDE

O ato de fazer discernimento é remetido instantaneamente como uma atitude da consciência. Na atualidade, urge a necessidade de um discernimento real e verdadeiro, fruto de uma consciência madura que indaga sobre si mesma por onde se deve ir e a quem se deve seguir. Como discípulos de Jesus, os cristãos devem estar atentos as variadas formas de assédio que sofrem incessantemente pelas mais diversas ideologias existentes. O apóstolo Paulo, trás na primeira Carta aos Coríntios um carisma que a Igreja é possuidora: “o discernimento dos espíritos” (12,10), demonstrando que a atitude de discernir é algo necessário e que deve ser incentivado entre os cristãos.

Paulo insiste que “não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus” (Rom 12,2). O apóstolo insiste que a pessoa cristã é corresponsável com a obra da salvação, todos necessitam de estar atentos com aquilo que lhes aparece, no intuito de poder julgar sua validade. Julgamento esse que será possível e passível de verdade caso a pessoa esteja com sua consciência aberta ao Espírito.

Todas essas faculdades elencadas acerca da consciência, não existem para um proveito próprio, mas para uma responsabilidade com o todo, com a humanidade. Até mesmo o discernimento interessa ao bem comum da Igreja, da sociedade e de todas as pessoas, pois todos necessitam de uma consciência crítica, à qual todos os cristãos são chamados a possuir e concretizar em suas vidas.

A crítica aqui deve ser compreendida como virtude, pressupondo uma terna persuasão, autocontrole e compromisso com a linguagem e com a ação sem violência. Esse bem tão necessário faz parte do diálogo e da própria reconciliação do mundo, é nesse caminhar que todo cristão é chamado à prontidão de um compromisso consigo mesmo e com toda a sociedade, buscando um mundo mais sadio. Tal atitude só será de fato concretizada se cada pessoa tiver conhecimento de que sua consciência deve estar fundamentada plenamente nos ensinamentos do próprio Cristo, colocando o fruto do seu discernimento em prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão proposta nesse trabalho monográfico tentou demonstrar como se constitui o pensamento de Bernhard Häring sobre a consciência em sua obra a Lei de Cristo. É fato que em todos os momentos que o homem se viu na dinâmica do conhecer, ele sempre acabou tendo uma visão de si próprio, sua busca sempre o levou a ele mesmo, ora encontrando suas respostas dentro de si ora recorrendo à algo inteligível e imaterial como verdade da qual se é apenas um expectador que dá sinais em sua vida dessa verdade por meio do que assiste. Sendo próprio desse homem o voltar-se aos que o cercam, querendo unir-se a eles sem aniquilar a si próprio, uma busca da valorização da intimidade em prol da coletividade.

Nessa perspectiva, a teologia, tendo como base as Sagradas Escrituras, compreende que no momento em que a pessoa tem noção da sua existência e a remete como fruto da vontade criadora de Deus, inicia-se nesse lugar, na consciência, a relação entre criador e criatura, entre Deus e o humano. Foi visto na história da moral cristã momentos de compreensões deturpadas, os quais levaram a humanidade a uma obsessão em agir conforme a consciência divina, a qual era representada na terra pela Igreja, portadora de manuais que prescreviam os virtuosos costumes segundo a vontade de Deus.

Porém, um homem se destacou em todo o período da Teologia Moral, Santo Afonso, pois o mesmo inaugurou a compreensão da ideia de que o próprio indivíduo, sua consciência, é autoridade para discernir o mundo externo. Com esse pensamento consagra-se um novo momento da consciência na história cristã, o qual esse trabalho quis destacar. Uma vez que até mesmo o próprio Concílio Vaticano II tomou para si essa compreensão de que a consciência é o sacrário do homem.

Em Häring encontra-se esse desenrolar da consciência na perspectiva cristã, vista a luz da encarnação divina, como um anseio próprio de cada pessoa humana, em uma vida fiel e livre na pessoa de Jesus. Consciente de si e de sua liberdade o cristão é chamado a ser e realizar em sua vida as próprias obras de Cristo. Tal liberdade, não mais alcançada por um emaranhado de normas e leis, mas agora por meio de uma íntima relação com a pessoa de Cristo, ou seja, por meio de uma fé verdadeira.

Sendo de fato um cristão, a pessoa humana se coloca em um caminho no qual não se está sozinha, porém caminha-se junto a outros peregrinos, em uma sincera responsabilidade na formação do outro, tendo como motivação a inclinação da consciência para o amor ao próximo. Nesse intuito é dever do cristão estar atento àquilo que o rodeia, para fazer um discernimento verdadeiro, não comprometendo a si próprio e nem aos que os circundam com atitudes que vão em desencontro com a vida que se propôs viver.

Este foi o resultado da tentativa de compreender a consciência cristã por vias filosóficas-teológicas, conforme o pensamento de Bernhard Häring. Percebeu-se que o constructo da consciência se deu ao longo do tempo, ora como consciência de si ora como consciência de um outro, mas sobretudo na perspectiva cristã, foi uma realidade que esteve para além de si mesma, porém, devolvida à intimidade da pessoa humana, deve ser colocada a serviço de todos.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Volume 2: Parte I. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARAUJO, José Wiliam Corrêa. **A noção de consciência moral em Bernhard Häring e sua contribuição à atual crise de valores**. Tese de Doutorado apresentada na PUC-Rio de Janeiro, 2007.

BENTO XVI. **Santo Afonso Maria de Ligório**. Audiência Geral. Praça de São Pedro, 30 de Março de 2011.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

HÄRING, Bernhard. **A Lei de Cristo**. São Paulo: Editor Herder, 1960.

HÄRING, Bernhard. **Livres e fiéis em Cristo**. Volume I. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

MASET, Alberto Barseló. **Ley y conciencia una aproximación a la renovación de la Teología Moral**. Extracto de la Tesis Doctoral presentada en la Facultad de Teología de la Universidad de Navarra. Pamplona, 1997.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MOIX, Candide. **O Pensamento de Emmanuel Mounier**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1968.

PIO XII, Carta Encíclica **Humani Generis**, 1950

VIDAL, Marciano. **Moral de atitudes**. Aparecida: Editora Santuário, 1978.